



Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica

ISSN: 1516-1498

ISSN: 1809-4414

Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica do
Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de
Janeiro - UFRJ

Martins, Victor M. Nobre

LER A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE DE FOUCAULT COM O BLOCO MÁGICO DE FREUD:
DO DUPLO LUGAR DA VONTADE DE SABER E DO PARADOXO DOS SUBSTITUTOS

Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica, vol. XXI, núm. 2, 2018, Maio-Agosto, pp. 204-214

Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto
de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

DOI: 10.1590/S1516-14982018002006

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=376563126006>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

redalyc.org
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

LER A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE DE FOCAULT COM O BLOCO MÁGICO DE FREUD: DO DUPLO LUGAR DA VONTADE DE SABER E DO PARADOXO DOS SUBSTITUTOS

VICTOR M. NOBRE MARTINS

Victor M. Nobre Martins

Universidade Sorbonne
Paris Cité, Paris Diderot,
Professor ATER (*Attaché
temporaire
d'enseignement et de
recherche*) da UFR Études
Psychanalytiques,
Doutorando pelo Centro
de Estudos Psicopatologia
e Psicanálise, Paris, França.

Resumo: Abordaremos o problema da temporalidade na *História da sexualidade* de Foucault a partir da teoria do traço mnésico, proposta por Freud no artigo *Nota sobre o bloco mágico*. Tal leitura nos permitirá interrogar a transmissão da história a partir da dimensão espectral da escrita foucaultiana.

Palavras-chave: Foucault; história da sexualidade; Freud; bloco mágico; traço mnésico.

Abstract: Reading Foucault's *History of sexuality* with Freud's *Mystic writing pad*: on the dual place of *The will to knowledge* and on the *paradox of the substitutes*. We will approach the problem of temporality in the Foucault's *History of sexuality* from the theory of the mnemonic trace, proposed by Freud in the article *Note on the mystic writing pad*. Such reading will allow us to question the transmission of the history from the spectral dimension of the foucauldian writing.

Keywords: Foucault; history of sexuality; Freud; mystic writing pad; mnemonic trace.

DOI - <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982018002006>

Todo o conteúdo deste periódico, exceto onde estiver identificado, está licenciado sob uma Licença Creative Commons (cc by 4.0)

PROPÓSITO

Poderiam as teorias freudianas da escrita contribuir para a inteligibilidade da História da sexualidade de Foucault? A partir desta proposição, abordaremos a série de obras foucaultiana. Tal escolha implicaria em questionar suas teorias do exterior de seus métodos historiográficos, tanto arqueológico quanto genealógico, para assim reinterrogar sua historicidade em termos freudianos. Após breves observações sobre as teorias da escrita propostas no texto Nota sobre o bloco mágico, de Freud, conduziremos uma leitura sucinta da História da sexualidade à luz de tais conjecturas. Nossa problematização colocará a questão da escrita na História em termos de traço e sulcamento, o que implicaria interrogá-la a partir de um problema fundamental não só para a psicanálise, mas também para toda escrita historiográfica: a temporalidade.

LER A HISTÓRIA DA SEXUALIDADE DE FOUCAULT COM O BLOCO MÁGICO DE FREUD

Em seu artigo Nota sobre o bloco mágico, Freud apresenta algumas proposições a respeito da presença do traço mnésico na escrita que orientarão nossa leitura do texto foucaultiano. Derrida ressaltara que, do Projeto para uma psicologia científica, de 1895, ao seu Nota sobre o bloco mágico, de 1925, Freud propõe que a “estrutura do aparelho psíquico <seja> representada por uma máquina de escrita” (DERRIDA, 1967/1995, p. 183). Assim, “uma problemática do <sulcamento> é elaborada para se conformar cada vez mais a uma metafórica do traço escrito” (idem). Se o problema da escrita não é o único na concepção freudiana do aparelho psíquico, o fato de Freud oferecer um tal retrato do aparelho em diferentes momentos de sua obra não poderia nos deixar equívocos quanto à importância dada à escrita em sua problematização do traço mnésico. Tal teoria partiria da hipótese do recalque como mecanismo fundamental em torno do qual o movimento do traço se articularia. O traço mnésico seria a marca errante da memória de um conteúdo recalcado e indefinidamente a porvir em seu apagamento. Através de seu sulcamento, o traço mnésico acaba por irromper discretamente no texto, apesar de toda obstrução ao conteúdo recalcado. O bloco mágico, segundo Freud,

(...) é uma tabuinha feita de cera ou resina (...), com margens de papelão, sobre a qual há uma folha fina e translúcida, presa à tabuinha de cera na parte superior e livre na parte inferior. Essa folha (...) <possui> duas camadas, que podem ser separadas uma da outra nas bordas laterais. A camada de cima é uma película de celuloide transparente, a de baixo é um papel encerado, ou seja, translúcido. Quando o aparelho não é utilizado, a superfície de baixo do papel encerado cola-se levemente à superfície de cima da tabuinha de cera. (...) <Essa> escrita não consiste em depositar certo material na superfície receptora. (...) Um estilete pontiagudo arranha a superfície, e os sulcos assim deixados vêm a constituir a ‘escrita’. No bloco mágico, o estilete (...) <age> através da folha que a cobre; ele pressiona o verso do papel encerado contra a tabuinha de cera, nos locais em que toca, e as ranhuras tornam-se visíveis como caracteres escuros, na lisa superfície acinzentada do celuloide. Querendo-se apagar o que foi escrito, basta levantar brevemente a dupla folha de cobertura, a partir da borda inferior que não é presa. Assim, o íntimo contato do papel encerado com a tabuinha de cera nos lugares pressionados (mediante o qual se produz a escrita) é desfeito e não volta a ocorrer quando os dois se tocam novamente. Então o bloco mágico fica novamente vazio, pronto para receber outras anotações. (FREUD, 1925/2011, p. 244-245)

Duas camadas de texto heterogêneas e sobrepostas; uma consciente e outra inconsciente. Se a escrita na superfície de celuloide pode ser repetidamente apagada, a superfície de cera acumularia traços permanentes dos rabiscos sobre a de celuloide, decalcando-os devido à intensidade do uso e à sobreposição de camadas. Com esses dois níveis de escrita, temos “uma superfície receptora sempre disponível e traços duradouros das anotações feitas” (*op. cit.*, p. 244). Uma relação entre dois *topos* diferentes é proposta e a escrita seria também um gesto duplo, onde uma mão escreve ao passo que a outra apaga: “Se pensarmos que, enquanto uma mão escreve na superfície no *bloco mágico*, a outra levanta da tabuinha de cera periodicamente a folha de cobertura, temos uma representação (...) de nosso aparelho psíquico perceptivo” (*op. cit.*, p. 247). O trabalho analítico tornaria visíveis inscrições na tábua de cera a partir da análise das múltiplas folhas de cobertura. Do mesmo modo que o trabalho de condensação no sonho, o traço indicaria

sucintamente um conteúdo bem mais vasto que seu próprio traçado e, entretanto, minimamente visível devido ao recalque, que levaria ao seu apagamento, à sua deformação. Em analogia ao deslocamento, o traço sulcaria em errância, buscando pontos de irrupção no texto sem, entretanto, nunca assentar seu próprio lugar.

Na medida em que o bloco mágico envolve uma superfície apagável e outra superfície inapagável, Freud radicalizara o status da simultaneidade entre permanência e apagamento. Como pensar a escrita, visto que há traços em sulcamento? Uma analítica da materialidade do traço na escrita em movimento seria pertinente. Tais conjecturas guiarão nosso itinerário no texto de Foucault; através de diferentes fragmentos de textos foucaultianos, extrairemos de sua escrita traços do que não cessaria de se apagar. Segundo as conjecturas freudianas, tratar-se-ia de identificar em sua escrita duas temporalidades simultâneas:

- uma escrita apagável, finita e cronológica;
- uma escrita decalcada, imperecível e anacrônica.

Tal gesto implicaria pensar a *História* não a partir de sua dimensão *arqueológica* ou *genealógica*, mas a partir de sua dimensão *espectral*. Como interrogar a materialidade do traço na *História* de Foucault a partir da *máquina de escrever* freudiana? O que poderia uma tal leitura espectral da *História da sexualidade* desvelar de sua dimensão histórica? Qual o estatuto do tempo e da transmissibilidade da história a partir do apagamento do traço? No intuito de compreender a *História* sob tal perspectiva, localizaremos nossa leitura no justo momento em que, no segundo volume da série de livros, *O uso dos prazeres*, Foucault explica querer abandonar o programa de pesquisa proposto no primeiro volume da série, *A vontade de saber*, reivindicando um novo ponto de partida para sua pesquisa. “No bloco mágico, diz Freud, a escrita desaparece a cada vez que se interrompe o íntimo contato entre o papel que recebe o estímulo e a tabuinha de cera que conserva a impressão” (*op. cit.*, p. 246). Assim, com Foucault, testemunharemos um momento fundamental na processualidade da escrita: a eliminação de um certo texto como condição de escrita de outro. Tal descarte implicaria uma escrita de fundo imperecível, como a que Freud assimilara ao *bloco mágico*?

DO DUPLO LUGAR DA VONTADE DE SABER E DO PARADOXO DOS SUBSTITUTOS

A continuação da *História da sexualidade I – A vontade de saber*, de 1976, aparece oito anos depois, em 1984, com a publicação dos volumes *História da sexualidade II – O uso dos prazeres* e *História da sexualidade III – O cuidado de si*. Mais recentemente, em 2018, tivemos a publicação póstuma e incompleta de *História da sexualidade IV – As confissões da carne*, redigido em 1982. Tais obras marcam a entrada da *História da sexualidade* na Antiguidade e inauguram um segundo momento para esta série de livros. No entanto, essa não seria a primeira vez em que ele se debruçara sobre tal período histórico ao longo de seus trabalhos. O filósofo adentrara este campo pela primeira vez, de fato, quando começara a proferir seus cursos no *Collège de France*, em 1970. Até então, ele reivindicava uma abordagem filosófica cuja tarefa se delimitaria a pensar a constituição de seus objetos de estudo entre o fim da Idade Média e a Modernidade. Embora os desenvolvimentos teóricos realizados por Foucault no *Collège* não abordem a cada vez a Antiguidade – mas uma gama diversificada de momentos históricos –, as referências a tal período são retomadas diversas vezes ao longo de seus artigos, cursos e conferências. Se aí encontramos certa abundância de referências ao mundo antigo, a situação não é a mesma quando levamos em conta seus livros publicados *in vivo*. Neste caso, tratam-se exclusivamente dos dois últimos volumes da *História da sexualidade*, publicados no ano de falecimento de Foucault, 1984: *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*. Nestas duas obras, o filósofo desiste do projeto original para a *História*, que havia sido apresentado em 1976, no primeiro volume da trilogia. Este projeto inicial consistiria em seis volumes, dos quais o primeiro seria *A vontade de saber*, tal como ele foi de fato publicado, e os outros cinco seriam publicações a porvir, continuando o programa de pesquisa apresentado no primeiro livro da série. Foucault indicara os títulos dos cinco volumes que nunca foram editados: 1) *A carne e o corpo*;

2) *A cruzada das crianças*; 3) *A mulher, a mãe e a histérica*; 4) *Os perversos*; e 5) *Populações e raças*. Os títulos escolhidos para essa continuação abortada do primeiro programa de pesquisa indicam que Foucault continuaria a analisar os mesmos temas já apresentados na *Vontade de saber*. Podemos vislumbrar aí um projeto para a *História da sexualidade*, que visaria um desenvolvimento ainda mais intensivo da sua investigação na mesma extensão histórica do primeiro volume. Teríamos tido três títulos mais explicitamente ligados à psicanálise – *A cruzada das crianças*; *A mulher, a mãe e a histérica*; e *Os perversos* – e outros dois títulos que tratariam de assuntos igualmente abordados na *Vontade de saber* e que Foucault associou historicamente à psicanálise, respectivamente, através do Cristianismo e da biopolítica: *A carne e o corpo*; e *Populações e raças*. Ele teria continuado e aprofundado sua *arqueologia da psicanálise* sob o signo da crítica do *complexo de Édipo*, partindo da pastoral cristã do século XVII até o advento das teorias freudianas na alvorada do século XX, passando pelo surgimento da psiquiatria, pelas teorias legais modernas e pela literatura erótica, entre outros. Este teria sido seu projeto potencial para a *História da sexualidade* em 1976:

O domínio a ser analisado nos diferentes estudos que se seguirão ao presente volume é, portanto, este dispositivo da sexualidade: sua formação, a partir da carne, dentro da concepção cristã; seu desenvolvimento através das quatro grandes estratégias que se desdobraram no século XIX: sexualização da criança, histerização da mulher, especificação dos perversos, regulação das populações; estratégias que passam todas por uma família que precisa ser encarada não como poder de interdição e sim como fator capital de sexualização. (FOUCAULT, 1976/1999, p. 106)

Foucault tinha como meta primária o desenvolvimento de um modelo de problematização da proibição que lhe permitiria continuar a mostrar como a psicanálise, enquanto técnica do dispositivo de sexualidade, teria feito operar sobre a sexualidade um saber-poder hermenêutico herdeiro das confissões católicas. No entanto, ele retomara tal projeto em 1984, impondo outra continuação para a História da sexualidade, visivelmente distinta daquela que havia esboçado na Vontade de saber. A História da sexualidade, como sabemos, foi finalmente publicada como um conjunto (incompleto) de quatro livros, dos quais o segundo e o terceiro volumes, publicados, chamam-se respectivamente *O uso dos prazeres* e *O cuidado de si*, e o quarto – que Foucault havia renunciado em publicar – *As confissões da carne*. No que diz respeito a tal alteração de projeto, Foucault afirmara querer mudar seu foco para uma genealogia do homem de desejo da Antiguidade Clássica aos primeiros séculos do Cristianismo:

Segui uma distribuição cronológica simples: um primeiro volume, *O uso dos prazeres*, é dedicado à maneira pela qual a atividade sexual foi problematizada pelos filósofos e pelos médicos, na cultura grega clássica, no século IV a.C.; *O cuidado de si* é dedicado a essa problematização nos textos gregos e latinos nos dois primeiros séculos de nossa era; finalmente, *As confissões da carne* tratam da formação da doutrina e da pastoral da carne. Em relação aos documentos que utilizarei, eles serão na maior parte textos ‘prescritivos’ (...) <tendo> como objetivo principal propor regras de conduta. (...) O papel desses textos era o de serem operadores que permitiam aos indivíduos interrogar-se sobre sua própria conduta (...) como sujeito ético (...). (FOUCAULT, 1984/1998, p. 16)

Através de seu desvio para a Antiguidade, Foucault se proporia a pensar as éticas sexuais grega e latina a partir de diferentes domínios morais e práticos, visando uma certa conduta consigo mesmo e com seus prazeres. Em seguida, ele teria passado pelo surgimento do Cristianismo. Este seria o único período histórico em comum com a *arqueologia da psicanálise* expressa na *Vontade de saber*, ainda que a abordagem do problema pareça mudar drasticamente e que se tratem de diferentes momentos do Cristianismo (primeiros séculos em *As confissões da carne* e a partir do século XVI em *A vontade de saber*). Não poderíamos deixar de perceber o esboço de uma contiguidade entre o primeiro e o quarto volumes da *História*. Entretanto, o novo objeto de problematização para Foucault seria não mais um dispositivo pastoral ou científico de produção de interdições sexuais, de confissões e de subjetividade, mas o próprio surgimento da concepção de uma subjetivação pensada e constituída a partir de uma perspectiva ética. Que operações estariam em jogo neste

movimento do projeto foucaultiano? Que movimentos teria ele operado através dessa reordenação da sequência, da serialidade dos diferentes títulos que potencialmente ou efetivamente compuseram seu ambicioso projeto? De uma *arqueologia da psicanálise* do século XVI ao século XX a uma *genealogia do homem de desejo* da Antiguidade Clássica ao surgimento do Cristianismo, Foucault se propusera a recomeçar a partir de uma nova base. Novas problematizações acompanhariam este outro *espectro histórico* da sua *genealogia*:

Ao retornar assim, da época moderna, através do Cristianismo, até a Antiguidade, pareceu-me que não se poderia evitar colocar uma questão (...): por que o comportamento sexual (...) e os prazeres a ele relacionados, são objeto de uma preocupação moral? (...) Sei que uma resposta ocorre de imediato: é que eles são objeto de interdições fundamentais cuja transgressão é considerada falta grave. Mas isso seria dar como solução a própria questão; e, sobretudo, implicaria desconhecer que o cuidado ético a respeito da conduta sexual não está sempre, em sua intensidade ou em suas formas, em relação direta com o sistema de interdições; ocorre frequentemente que a preocupação moral seja forte, lá onde precisamente não há obrigação nem proibição. Em suma, a interdição é uma coisa, a problematização moral é outra. Portanto, pareceu-me que a questão que deveria servir de fio condutor era a seguinte: de que maneira, por que e sob que forma a atividade sexual foi constituída como campo moral? (*Op. cit.*, p. 13)

A questão do interdito no campo da sexualidade – sobretudo o do incesto, problema que claramente ocupou a pluma do filósofo em *A vontade de saber* – parece apagar-se para que uma outra abordagem tome seu lugar enquanto fio condutor da História da sexualidade: os diferentes modos de problematização dos prazeres enquanto experiência moral. Foucault pensara que, elaborando assim a questão, ele poderia destacar o fato de que as proibições responderiam a outra questão muito mais importante e que as precederia: antes de qualquer proibição, de qualquer lei instituída, a relação do homem com seus próprios prazeres seria uma preocupação ética. Sua abordagem evitaria a redução das problematizações éticas a questões legais e institucionais, entendendo-as de maneira muito mais ampla e frente às quais toda lei seria uma questão secundária. Tal abertura fora colocada em equivalência por Foucault ao desaparecimento da problematização sistemática das proibições que ele havia proposto na *Vontade de saber*. No intuito de abrir a problematização moral dos prazeres na Antiguidade, ele abandonara radicalmente toda problematização da questão das leis e interditos. Um único lugar, dois modelos de problematização. Uma mão escreve e a outra apaga. Desta maneira, o filósofo operara um duplo movimento: justificar a exclusão de uma forma de problematização da subjetividade (proibições, interditos) sob o pretexto da inclusão de outra forma (moral, estética). Entretanto, sua nova proposição conteria traços do abandono da outra em sua própria construção. Uma espécie de paroxísmo dos substitutos onde a sombra, o espectro daquele que sai, recobriria o recém-chegado. Foucault continua:

(...) Ao colocar essa questão muito geral, e ao colocá-la à cultura grega e greco-latina, pareceu-me que essa problematização estava relacionada a um conjunto de práticas que, certamente, tiveram uma importância considerável em nossas sociedades: é o que se poderia chamar ‘artes da existência’. Deve-se entender, com isso, práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo. (...) O estudo da problematização do comportamento sexual na Antiguidade podia ser considerado como um capítulo – um dos primeiros capítulos – dessa história geral das ‘técnicas de si’. (...) Parece-me que seria melhor perceber agora de que maneira, um tanto cegamente, e por meio de fragmentos sucessivos e diferentes, eu me conduzi nessa empreitada de uma história da verdade: analisar (...) as problematizações através das quais o ser se dá como podendo e devendo ser pensado, e as práticas a partir das quais essas problematizações se formam. A dimensão arqueológica da análise permite analisar as próprias formas da problematização; a dimensão genealógica, sua formação a partir das práticas e de suas modificações. Problematisação da loucura e da doença a partir de práticas sociais e médicas, definindo um certo perfil de ‘normalização’; problematisação da vida, da linguagem e do trabalho em práticas discursivas obedecendo a certas regras ‘epistêmicas’; problematização do crime e do comportamento criminoso a partir de certas práticas punitivas obedecendo a um modelo ‘disciplinar’. Gostaria de mostrar, agora, de que maneira, na Antiguidade, a atividade e os prazeres

sexuais foram problematizados através de práticas de si, pondo em jogo os critérios de uma ‘estética da existência’. (*Op. cit.*, p. 14-15)

O filósofo apresenta um resumo de seu percurso teórico da História da loucura na Idade Clássica à História da sexualidade, enquadrando-o retroativamente como uma sucessão de diferentes maneiras de pensar uma história da verdade. Fragmento bastante esclarecedor a respeito da passagem, ou melhor, da transformação da arqueologia em genealogia. Em suas próprias palavras, Foucault explicaria que uma genealogia não se distinguiria muito de uma arqueologia, ainda que ele as diferencie sistematicamente. Por um lado, a genealogia implicaria o abandono de uma problematização arqueológica em torno das diferentes formas institucionalizadas de subjetivação. Por outro lado, ainda que ele reclame o abandono de tal perspectiva, Foucault passaria a investigar as condições históricas que teriam permitido o seu surgimento posterior; ele passaria a investigar o surgimento desta problematização ela mesma através dos antigos modos de subjetivação individual dos prazeres, as técnicas de si. Se a genealogia se interessaria pelo surgimento das formas de subjetivação segundo uma estética da existência antiga, a arqueologia analisaria as condições nas quais a subjetividade não mais seria assimilável a um cuidado de si, mas teria sido legada ao controle de diferentes instituições que utilizariam o sujeito como instrumento discursivo de poder. Deste ângulo, poderíamos agrupar genealogia e arqueologia como duas abordagens contingentes de uma mesma problematização histórica dos modos de subjetivação. O eixo que separaria uma abordagem da outra nada mais seria que o contexto histórico ao qual cada uma se aplicaria. Duas contingências distintas implicariam, portanto, diferentes abordagens do sujeito e seus modos de subjetivação:

- na arqueologia da psicanálise, o sujeito seria considerado em relação ao sistema de interditos de um dispositivo de sexualidade que se prolifera de maneira crescente através das diferentes discursividades da Modernidade, tornando-se uma categoria disciplinar da Scientia sexualis occidental. O sujeito seria um alvo central do saber-poder no dispositivo de sexualidade, o que levara Foucault a interrogá-lo não em seu surgimento, mas como um discurso de verdade através do qual diferentes instituições exerceriam um poder que assujeitaria;
- na genealogia do homem de desejo, uma relação de si a si é analisada em sua aparição na Grécia Antiga. O contexto desta nova História da sexualidade vislumbraria o surgimento das técnicas de si. O sujeito seria nascente, o que levara Foucault a demonstrar que, nesse momento, ele não pertenceria a uma relação de assujeitamento a diferentes instituições sociais, mas evocaria uma relação ética com os prazeres a partir do estabelecimento de uma relação moral de si mesmo a si mesmo, fazendo um uso ético e estético das técnicas de si.

Uma genealogia da psicanálise não teria sido possível se considerarmos que a psicanálise aparecera em um momento onde o sujeito já se encontraria institucionalizado pelo dispositivo de sexualidade. Da mesma maneira, uma arqueologia do homem de desejo não poderia ser proposta na medida em que, na Antiguidade, a abordagem dos processos de subjetivação pelas técnicas de si não implicaria uma relação de poder das instituições sociais. Arqueologia e genealogia seriam finalmente dois modelos contingentes de uma abordagem histórica do sujeito e sua relação com os prazeres. Se a genealogia deduz a lenta emergência de uma hermenêutica do sujeito através das práticas de si antigas, a arqueologia mostraria as condições onde abordagens científicas ou pastorais do sujeito implicariam sistematicamente no exercício de um certo poder hermenêutico institucional. A distinção entre tais categorias não seria tão nítida e parece se definir a partir das diferentes condições de pesquisa de um mesmo objeto. Se um grande número de estudos sobre a obra de Foucault coloca em destaque as diferentes delimitações entre arqueologia, genealogia e estética da existência, nosso propósito destacaria o fato de que elas seriam variações, diferenciações de um movimento argumentativo. Quando o sujeito se faz instrumento do poder de diferentes discursividades modernas, Foucault mostra as condições do exercício deste poder sobre o sujeito através do controle institucional de sua sexualidade. Quando o sujeito surge na Antiguidade, Foucault mostra que ele teria nascido sem nenhuma

relação estreita com um poder institucional, mas visaria nada mais que a instauração de uma relação ética de si mesmo a si mesmo. No início do Uso dos prazeres, o filósofo explica as condições nas quais sua mudança de projeto teria se estabelecido:

(...) Ficou claro que empreender essa genealogia me afastava muito de meu projeto primitivo. Devia escolher: ou manter o plano estabelecido (...) ou reorganizar todo o estudo em torno da lenta formação, durante a Antiguidade, de uma hermenêutica de si. E foi por este último partido que optei ao pensar que, afinal de contas, aquilo a que me atenho (...) é a tarefa de evidenciar alguns elementos que possam servir para uma história da verdade. Uma (...) análise dos “jogos de verdade”, dos jogos entre o verdadeiro e o falso, através dos quais o ser se constitui historicamente como experiência, isto é, como podendo e devendo ser pensado. (...) Através de quais jogos de verdade o ser humano se reconheceu como homem de desejo? Pareceu-me que, colocando assim essa questão e tentando elaborá-la a propósito de um período tão afastado dos meus horizontes outrora familiares, abandonava (...) o plano pretendido mas estaria mais próximo da interrogação que desde há muito tempo me esforço em colocar. (...) Certamente que havia riscos nesse longo desvio; mas tinha um motivo e pareceu-me ter encontrado nessa pesquisa um certo proveito teórico. (...) Para alguns, espero, esse motivo poderá ser suficiente por ele mesmo. É a curiosidade (...), a única espécie de curiosidade que vale a pena ser praticada com um pouco de obstinação: não aquela que procura assimilar o que convém conhecer, mas a que permite separar-se de si mesmo. De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (...) O que é filosofar hoje em dia (...) senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? (*Op. cit.*, p. 10-12)

A curiosidade não seria mais um saber-poder detentor da verdade. Ela não visaria mais uma empresa de ordem, de poder, de controle sobre o caos do mundo exterior, mas a abolição da dependência de uma ordem estabelecida de si mesmo a si mesmo. Essa curiosidade transformadora de si mesmo definiria o campo atual da filosofia para Foucault: pensar sobre o pensamento para transformá-lo. Dito isto, interroguemos o filósofo a partir de sua definição da filosofia: que transformações a estética da existência implicaria no seu próprio pensamento? Verifiquemos o quanto longe poderia ir esta autotransformação do pensar na escrita da História da sexualidade.

Alegando ter desistido de sua interlocução com a psicanálise através do dispositivo de sexualidade, Foucault deixara o terreno textual da Vontade de saber e renunciara a pensar diretamente o período histórico que diz respeito a este campo de saber onde o desejo seria uma marca da lei, assimilando o sujeito a um saber-poder institucional. No entanto, o problema da relação entre desejo e subjetivação não desaparece do seu trabalho da mesma forma que a problematização sistemática das interdições e do incesto. Sujeito e desejo continuariam conectados à verdade, mas se encontrariam agora articulados ao novo contexto conceitual foucaultiano: as técnicas de si.

Esses três conceitos parecem garantir a discreta contiguidade conceitual entre os diferentes volumes publicados da História da sexualidade, apesar do apagamento da problematização dos interditos nesta problematização da Antiguidade. Ora, este fragmento aparentemente trivial nos daria uma dimensão do paradoxo do movimento de Foucault entre o primeiro e os demais volumes da História da sexualidade: primeiramente, o filósofo se propõe a estabelecer uma nova metodologia genealógica em torno de um novo momento histórico; em seguida, ele justifica tal posição a partir da negação das questões propostas em seu método arqueológico e da cronologia proposta em A vontade de saber. O método genealógico teria incorporado a arqueologia em sua construção justamente pela desistência de Foucault, pelo seu próprio desaparecimento como destino atestado no texto. Difícil projeto no qual uma cena de contornos borradinhos se desenharia: enquanto Foucault reivindicava pensar de forma diferente e, para tal, ele se proporia a adentrar um novo terreno, este novo pensar se daria na reapropriação de certas categorias anteriormente estabelecidas, assim como na exclusão de outras categorias, sobretudo as proibições. Mudar de terreno e recomeçar a partir de novas bases não seria exatamente repartir do zero.

Poderíamos verificar um discreto sulcamento do traço, um silencioso deslocamento de diferentes elementos no trajeto de um projeto a outro. Algo parece ser preservado, ao mesmo tempo em que o projeto foucaultiano se diferencia, apesar de todo o movimento textual. É exatamente nesta etapa onde a cena de escrita foucaultiana nos interessaria de perto. Um ponto paradoxal do movimento do texto se articularia em torno do apagamento do traço: sua condição anagramática ou mesmo anamórfica. O movimento de um projeto a outro seria reconhecível porque algo se conserva em sua própria diferenciação. O traçado do apagamento do primeiro projeto para a História da sexualidade parece servir como estrada para seu recomeço em *O uso dos prazeres*.

Problematizemos a escrita foucaultiana pelo traçado da Vontade de saber, atravessando o novo projeto num incessante movimento de aparição e apagamento. Foucault teria de fato se afastado do terreno de seu projeto inicial para a História da sexualidade, isto é, da sua arqueologia da psicanálise, da sua crítica historicizante do complexo de Édipo? Se, de fato, essa foi sua escolha, por que indicar no título de cada um desses dois ou três últimos volumes (*História da sexualidade II, III e, talvez, IV*) uma certa relação com A vontade de saber (*História da sexualidade I*), apesar da desconexão declarada com o projeto inicial, que se reivindicava uma crítica arqueológica da psicanálise? Foucault poderia tê-los publicado de forma independente da Vontade de saber, com outro título que não os colocasse em série com este primeiro volume, o que teria enfatizado a ruptura e a diferença entre tais projetos. Lembremo-nos ainda que ele chegou a tratar *O uso dos prazeres* como um primeiro volume quando, de fato, ele seria o segundo, embora em momento algum o filósofo levantasse a possibilidade de que este livro pertenceria a uma série de obras que não fosse a História da sexualidade: “Segui uma distribuição cronológica simples: um primeiro volume, *O uso dos prazeres* (...).” Não esqueçamos tampouco que, com a guinada da História da sexualidade na direção da Antiguidade, Foucault retoma um campo de pesquisa ao qual ele havia se dedicado primeiramente no início dos anos 70, sobretudo em *Lições sobre a vontade de saber*, curso proferido entre 1970-1971 no Collège de France. Poderíamos inclusive afirmar, lendo-o retroativamente, que seu projeto de uma genealogia na Antiguidade se inaugura de fato ali, mas teria florescido na forma de publicações *in vivo* apenas nos últimos dois volumes da História da sexualidade.

Nesta perspectiva, *O uso dos prazeres*, *O cuidado de si* e *As confissões da carne* teriam herdado muito mais de seus cursos no Collège de France e de suas conferências e artigos sobre a Antiguidade que das reflexões encetadas na Vontade de saber, livro que não manifesta interesse algum sobre tal período nem o inclui em seu programa de estudos.

No entanto, ao contrário, Foucault preferiu enfatizar a existência de uma sequência entre esses três ou quatro volumes através da sucessão explicitada em seus títulos (*História da sexualidade I, II, III e, a título póstumo, IV*). Tal gesto sugere uma sequência substitutiva em torno de um ponto comum – a História da sexualidade –, ainda que o filósofo reivindique uma ruptura metodológica com o primeiro volume.

Levemos em conta ainda que todo o trabalho de Foucault ao longo da Vontade de saber foi tecido em torno da precisão histórica na qual ele circunscrevera o dispositivo de sexualidade – entre os séculos XVI e XX. Segundo sua definição da sexualidade, que se referiria precisamente ao objeto da *Scientia sexualis* e diria respeito unicamente a este período histórico, o uso do nome História da sexualidade não poderia ser utilizado num estudo sobre a Antiguidade. Contudo, Foucault ignora tal trabalho de precisão histórica e inclui o mundo antigo e os primeiros anos de Cristianismo na História da sexualidade sem reproblematisar, entretanto, a especificidade cronológica anteriormente assimilada ao conceito de sexualidade.

Este bizarro encadeamento de obras nos reserva ainda um grande paradoxo: o ponto de culminação cronológica da série de livros, isto é, o momento histórico mais tardio entre os volumes publicados da História, teria sido abordado já no primeiro volume; teria sido seu próprio ponto partida. Consideremos ainda o fato de que o duplo lugar da Vontade de saber corresponderia apenas a esse único volume na sequência de livros à qual ele pertence. Todo o resto da História da sexualidade teria sido ordenado em sequência cronológica.

Ao que parece, estamos frente a indícios de um complexo agenciamento de textos que nos permitiriam formular a hipótese de um duplo sequenciamento, de duas modalidades distintas e simultâneas de temporalidade da escrita:

- uma sequência linear de três (ou quatro) livros com um começo, um meio e um fim, se considerarmos apenas, como indica Foucault, sua cronologia de publicação, que se expressa de forma manifesta na ordem crescente de seus títulos (I, II, III...), apesar de quaisquer variações na sua posição de pesquisador; e
- uma sequência infinita ou circular de três (ou quatro) livros onde a Vontade de saber funcionaria como ponto de loop, como partida e retorno de uma série, se nos concentrarmos em sua dupla condição de primeiro volume em uma ordem de livros cuja sequência lógica escolhida pelo autor – a ordem cronológica – atribuir-lhe-ia o último lugar.

Assim, O uso dos prazeres ganha também um duplo estatuto, de segundo e primeiro volumes ao mesmo tempo, sempre relativo à posição ocupada pela Vontade de saber. Nesta modalidade serial, começamos a ler a História da sexualidade a partir da Vontade de saber – ponto de desencadeamento – e continuamos linearmente e cronologicamente através dos diferentes volumes até chegarmos às Confissões da carne. Neste ponto, a organização cronológica dos textos indicaria o próximo livro como sendo A vontade do saber. Uma vez em seu lugar, a organização cronológica de títulos indicaria que o próximo volume seria novamente O uso dos prazeres, e a série recomeçaria continuamente, como uma escrita imperecível se desdobrando indefinidamente, ao infinito.

DISCUSSÃO

Como vimos nos fragmentos de textos em que Foucault analisa a sua mudança de campo na *História da sexualidade*, o autor reivindica a modalidade linear que registrou em seus títulos – a distribuição cronológica de suas publicações – como sendo a de sua *História*, ainda que ele afirme também repensar esse trabalho de investigação com sua escrita já em curso. Esta seria a modalidade legítima de escrita e sequenciamento de tais livros segundo a indicação do próprio autor. Entretanto, não acreditemos piamente em sua autoanálise. Passemos a uma outra perspectiva: investiguemos a segunda modalidade de sequenciamento, este suposto sistema de remetentes em *loop* entre as obras, que ganha sua consistência na lacuna entre *A vontade de saber* e os demais volumes. Assim, a nossa problematização da *História da sexualidade* se distinguiria radicalmente dos postulados do filósofo: apesar do drástico rearranjo da pesquisa nos dois últimos volumes da *História da sexualidade*, seria possível que a *genealogia do homem de desejo* mantivesse uma íntima e discreta conexão com o primeiro volume e sua *arqueologia da psicanálise*? A *vontade de saber* atuaria como o ponto de retorno indefinido na sequência de livros, tanto como primeiro quanto como último volume, como partida e como chegada, como transmissor e receptor desse *complexo de signos ad infinitum*.

Nossa leitura de Foucault nos levaria, portanto, a interrogar a temporalidade na historiografia. Tanto na *arqueologia* quanto na *genealogia*, tratar-se-ia de fato da escrita de uma história que reconstrói, com os arquivos do passado, uma *história das verdades* a partir do presente. Tratar-se-ia, portanto, de identificar, no passado, a lenta constituição das formas de subjetivação do século XX. Ora, na medida em que abordamos a escrita dessa *História* na dupla perspectiva do *bloco mágico*, nos confrontamos à sua dimensão espectral, onde qualquer escrito que se pretenda histórico, enquanto escrita e rememoração manifesta de um passado, pressupõe também um espectro de porvir.

Que implicaria levar-se em conta o porvir do traço na construção historiográfica? Compreender a *História da sexualidade* a partir do *bloco mágico* nos levaria a um grau da escrita da história exterior à historicização e, no entanto, interior à historiografia. Inscrita pela desistência foucaultiana na *genealogia do homem de desejo*, sua *arqueologia da psicanálise* estaria presente na primeira não através de uma linearidade

historiográfica, mas a partir de um certo ponto de fuga que, recalcado, se encontraria projetado para o exterior do texto e não seria indicado senão de maneira periférica, sempre nos limites do visível.

O sulcamento de traços da *Vontade de saber* se inscreveria na visibilidade textual do *Uso dos prazeres*, mais precisamente a partir de uma linha de fuga exterior ao texto, ainda que designada de seu interior. Exterior à linearidade da escrita, mas aí inclusa pela sua subtração, a *arqueologia da psicanálise* foucaultiana agenciaria uma temporalidade circular que poderíamos assimilar ao processo de recalque. De fato, todo traço seria traço de um recalque, de uma evicção, do que se encontra necessariamente subtraído do visível. Assim, *O uso dos prazeres* teria inscrito em seus contornos, em suas formas, os traços persistentes de uma não-*vontade de saber*. Poderíamos verificar a operatividade de seu apagamento através da irrupção de sua circularidade na escrita. Tal análise do arquivo daria a ver um jogo de perspectivas e linhas de fuga entre uma história e uma não-história.

Como abordar a eficácia do inconsciente na historiografia senão pela designação dos traços de um elemento não historicizado e, portanto, operante na escrita histórica? Inconsciente e historiografia não seriam efetivamente dimensões distintas, mas manteriam uma íntima relação. Na medida em que um substrato não historicizado persiste através da escrita da história, ele se inscreveria a partir de seu porvir negativo e necessário, a partir do retorno enigmaticamente circular de sua desaparição. Assim, seu *espectro de porvir* seria de fato o retorno indefinido de traços de uma história da qual se desistiu, mas que permaneceria operante justamente através do seu próprio descarte. A dimensão freudiana do traço permitiria, assim, uma problematização da *História da sexualidade*, que colocaria em destaque o paradoxo temporal da escrita historiográfica, o paradoxo de uma escrita dupla que rememora um passado ao mesmo passo que esquece um porvir. Sublinhemos esse aspecto fundamental da escrita foucaultiana: o apagamento de um porvir inadiável e incondicionalmente rejeitado do texto seria tão importante à construção historiografia quanto uma escrita formalmente historiográfica sobre um passado. Uma abertura da historiografia à perspectiva do traço a permitiria levar em consideração o porvir indefinido do que não cessa de não se escrever na historicidade linear do texto.

O que seria, portanto, o *paradoxo dos substitutos* frente a uma temporalidade tão enigmática, frente ao retorno de um porvir? O sulcamento do traço engajaria finalmente a um duplo movimento: operaria num grau desacelerado, de temporalidade dilatada, e inscreveria impreterivelmente no texto um conteúdo presente pela sua subtração, cuja interioridade à escrita se encontraria projetada para fora do texto. O *paradoxo dos substitutos* implicaria, em sua bizarra substituição circular, mecanismos análogos aos operantes no sonho: *condensação* e *deslocamento*. O projeto inicial para a *História da sexualidade*, quando abandonado por Foucault no *Uso dos prazeres*, fora substituído por uma marca de seu apagamento. Ele continuaria presente na *genealogia do homem de desejo*, mas através de seu descarte enquanto projeto, como signo de sua própria subtração. Em *O inquietante*, Freud assimilara o recalque à produção de duplos negativos que condensariam

(...) todas as possibilidades não realizadas de configuração do destino, a que a fantasia ainda se apega e todas as tendências do Eu que não puderam se impor devido a circunstâncias desfavoráveis, assim como todas as decisões volitivas coartadas, que suscitaram a impressão do livre-arbítrio. (FREUD, 1909/2010, p. 353)

O que seria, portanto, o traço enquanto duplo negativo e não historicizado de uma historiografia? Ele indicaria o porvir indefinido de outras possibilidades de historicização sistematicamente abandonadas no movimento de construção do texto, que não cessam de ser descartadas. O não historicizado do traço, operando fora de toda linearidade histórica, interviria na escrita a partir de uma temporalidade paradoxal onde nunca e sempre funcionariam em conjunção, onde eles seriam tempos equivalentes. Assim, o traço seria a marca de um movimento temporal onde passado e futuro se confundiriam, do porvir indefinido de um *teria sido* que não cessa de se apagar. O paradoxo dos substitutos remeteria a um grau da escrita onde substituição e equivalência se interporiam. Nos limites de sua escrita, a historiografia implicaria uma transmissão do não historicizado. Uma transmissão do traço, de um traço tal que designa um porvir.

Ler a História da sexualidade de Foucault com o bloco mágico de Freud: do duplo lugar da Vontade de saber e do paradoxo dos substitutos

Ler a *História da sexualidade* a partir do *bloco mágico* nos permitiria interrogar essa íntima relação entre o passado e o porvir através dos movimentos do traço: como transmitir a história se ela comporta um espectro de porvir? Em seguida, uma segunda questão: como levar em conta, na transmissão da história, este excesso da escrita que designa o retorno indefinido de um porvir? A identificação do duplo lugar da *vontade de saber* na *História da sexualidade* nos ofereceria um exemplo emblemático desse problema: enquanto projeto descartado, a presença negativa do primeiro volume da série nas formulações teóricas do segundo implicaria uma temporalidade circular na série de livros de Foucault. A *vontade de saber* ocuparia precisamente o lugar de traço em sulcamento. De elemento signo de seu próprio desaparecimento que, devido à sua subtração necessária ao recomeço foucaultiano, se encaixaria de forma espectral, aléfica, como primeiro e último da série, capitaneando assim o recomeço de Foucault ao infinito por sua ausência; sempre a porvir e sempre a se apagar. Pensar a historiografia a partir da perspectiva do traço seria, portanto, pensá-la em sua relação com o porvir, com um porvir que se talha agora, silenciosamente, ao infinito.

Recebido em: 7 de maio de 2016. **Aprovado em:** 11 de maio de 2017.

Referências

- DERRIDA, J. Freud e a cena da escritura (1967). In: *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- FOUCAULT, M. *A vontade de saber* (1976). Rio de Janeiro: Graal, 1999. (*História da sexualidade*, 1)
- _____. *História da loucura na Idade Clássica* (1961). São Paulo: Perspectiva, 1978.
- _____. *O cuidado de si* (1984). Rio de Janeiro: Graal, 1998. (*História da sexualidade*, 3)
- _____. *O uso dos prazeres* (1984). Rio de Janeiro: Graal, 1998. (*História da sexualidade*, 2)
- FREUD, S. *Nota sobre o bloco mágico* (1925). São Paulo: Companhia das Letras, 2011. (Obras completas, 16)
- _____. *O inquietante* (1919). São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 14)

Victor M. Nobre Martins

mnmartins.victor@gmail.com